

RESULTADO

CATEGORIA POEMA

3ª EDIÇÃO

PRATA
DA CASA



CASA BRASILEIRA
DE LIVROS



CASA BRASILEIRA DE LIVROS

Categoria POEMA

Os textos são apresentados em estado de pré-revisão e não passaram por revisão editorial. Eventuais adequações realizadas tiveram caráter exclusivamente técnico ou de formatação, preservando-se o conteúdo original das obras.

Semifinalistas

A palavra lavrada

Antonio Carlos Augusto Gama

Se palavra
é pedra
o poeta
é pedreiro
que sonha
tirar leite das pedras.

Nesse ofício
ou vício
repete de Sísifo
o suplício
condenado à sina

de empurrar monte acima
a pedra lavrada
para vê-la em desalinho
rolar do cimo
e tornar a ser
a mesma pedra no caminho

A parturiente

Antônio Fonseca Lucinda

Pulsa, inquieto, o ventre intumescido,
Já ao sabor das contrações frequentes;
Crispam-se as mãos, escapa-lhe um gemido,
Murmura uma oração por entre os dentes.

Suor e lágrimas fundem-se no rosto,
Miscigenando os vários sentimentos;
A alegria lhe mitiga o gosto
Amargo, urdido pelo sofrimento.

O obstetra lhe apresenta o filho
E o deposita no seio materno,
Sublime fruto de um amor vivido.

No olhar lhe surge um intenso brilho,
Muda promessa de um amor eterno,
Ganhando em troca um doce vagido.

A ruína intacta

Matens dos Passos Maba

Aonde foram as virgens
e os anjinhos dos vitrais?
As máquinas não os afligem,
nem eles se expõem à vista
por medo aos olhos venais
com que os olham os turistas.

Algo menos que um deserto
esses templos sem fantasmas
e monarcas encobertos.
São passeios de viúva.
Pedra alguma, viva espasma
e os anjos somem na chuva.

Templo e virgens, vidro e pedra,
o arquiteto em desarranjo.
Seu monumento não quebra,
mas também não se refaz...
Queimem virgens, sumam anjos,
restam cores nos vitrais.

A vassalagem do metal: O que o padrão consome

Gabriel de Azevedo Leite Gonçalves

Canto I: A vassalagem do metal (a forja e o calado)

Dizem que sou o brilho, o prumo, o padrão exato,
A superestrutura que o sol do pátio não doma...
Mas ergui em meu peito um ríspido contrato,
Onde o Dever é o leme e o “Eu” nem mais se assoma.
Sufoco o homem que sente em prol da voz que ordena,
No estaiado do peito e no peso da patente...
Pois o mundo não ama a alma que se condena,
Mas a guarnição fria que nunca se faz ausente.
Minha gênese não é mármore; é sangue, suor e graxa,
O calado profundo de quem veio do nada.
Enquanto a mão, calejada, o couro áspero amansa e amacha,
Buscando o reflexo do céu em uma bota engraxada.
Ecoa em meu peito o discurso da abnegação,
A renúncia sagrada que o Adaptador professa:
Entregar a própria vida como oferta à guarnição,
Sem esperar que o mundo cumpra qualquer promessa.
“Olhe o contraste”, eu disse, “entre o lodo e o espelho!”
Pois o padrão exige que a ferrugem seja ocultada.
Pus abaixo o camarote, em um preceito vermelho,
Para que a estabilidade fosse, enfim, reestruturada.
Sou o adaptador, o portal, a escotilha do sistema,
O que distribui a farda, o bragal no PDU,
Mas quem vê a túnica branca, o garbo e o emblema,
Não vê o lastro de mágoa que o fogo consumiu.
A linhagem é de Engenharia: transformar a matéria,
Fazer do descarte o nó que move a nação.
Mas nesta simulação de vida, tão vasta e tão séria,
Sou eu o reagente que sofre a própria combustão.
O mundo evoca o metal, o rumo e a glória,

Mas vira as costas para a craca que o labor me traz;
Querem o comandante que escreve a própria história,
Mas repudiam a vaga que ele deixou para trás.

Canto II: O ruído do ouro (a irresistibilidade)

O mundo é um radar que só capta o que reluz,
Buscam o brilho do ouro na lapela do vencedor.
Tornar-me o "irresistível" é a cruz que me conduz,
Um Farol que atrai náufragos, mas não aplaca a dor.
Desejam o meu brio, o meu posto, o meu tributo,
O braço resoluto que serve de porto e cais...
Mas sentem repulsa do calo, do esforço bruto,
E repudiam a carência que ficou para trás.
Sou a "Galinha dos Ovos de Ouro" nesta vaga,
Um objeto de crença, um casco sem fissura.
Mas a admiração que me dão é moeda que não paga
A solidão de quem é visto apenas pela armadura.
Querem o herói das rifas, o maratonista do asfalto,
O adaptador que ostenta o prumo e a correção;
Mas se abro a escotilha e mostro o sobressalto,
Vejo o recuo covarde daquela que busca perfeição.
Aproximam-se como quem busca um lastro seguro,
Encantadas pelo "Status Quo" que o metal irradia.
Mas eu sou o vau profundo, o caminho escuro,
O que vendia o tempo para comprar a própria guia.
Não amam o homem, amam a insígnia que ele porta,
A utilidade do momento, o abrigo em tempestade...
Mas quando o mar acalma, a presença já não importa,
Pois buscam o brilho, mas temem a minha verdade.
Fui o trovador das flores, o sacrifício amargo,
Buscando em tua barra o repouso que perdi...
Mas vi que és como as outras, um navio ao largo,
Que admira a luz do farol, mas não o que eu vivi.
Há um ruído que impede o encontro do que é real,

Uma frequência de vaidade que o silêncio consome...
Pois para ser o ídolo, o padrão, o ideal,
Precisei, antes de tudo, sufocar o meu próprio nome.

Canto III: A quilha e o céptico (a indiferença)

Não há rancor na quilha que corta a indiferença,
O mar não pede desculpas à vaga que atravessa.
Abri minha clausura, rompi minha sentença,
Mas vi que a tua entrega era apenas uma promessa.
Fui o trovador das flores sob um céu de açoite,
Buscando em tua barra o repouso do guerreiro...
Mas encontrei o gelo de uma eterna noite,
E o silêncio de quem não quer o homem verdadeiro.
Vi que és como as outras: vaidade e lindeza,
Um recife oculto sob águas de cristal.
Desejam meu "Status Quo", minha falsa pureza,
Mas temem o lodo da minha luta ancestral.
O que é feito, está feito. O nó já se apertou,
E o que não me sustenta, o mar se encarrega de levar.
A alma que em Kafka e em dores se habituou,
Não se deixa em ferro por quem não sabe amar.
Sou o céptico que observa o horizonte em chamas,
Entre as notas de Dostoievski e o peso do porvir...
Pois quem conhece o subsolo e as humanas tramas,
Não se engana com o brilho que tenta nos seduzir.
A rejeição foi a poda que a árvore exigia,
Para que o fruto fosse, enfim, mais forte e puro.
Se não queres o que vivi, a minha agonia...
Não terás meu convés, nem meu porto seguro.
Sigo em marcha batida, o motor em regime,
Sem olhar para o rastro que a espuma desfaz.
Pois o amor que se vende, o amor que nos reprime,
É carga pesada que se lança para trás.
Sou o navio que avança, sem busca de abrigo,

Aceitando o destino que o sextante traçou.
Pois descobri, enfim, no meu pior inimigo,
O mestre severo que o meu caráter forjou.

Canto IV: O lastro da carne (a armadura prisão)

Onde habita o rapaz que escrevia em meio à exaustão?
Aquele que, entre fórmulas e o vácuo do estaleiro,
Sentia o peito arder na mais absoluta solidão,
Buscando o ar que faltava no mergulho derradeiro.
Lembro os dez segundos que a natação quase venceu,
O pulmão em brasas, o corpo a clamar pelo fim...
Mas o orgulho do casco a rendição não cedeu,
Pois o Padrão exige que eu não cuide de mim.
Hoje corro no asfalto, rastro de fogo e função,
Em marcha batida sob o sol que o Pará destila.
Sou o motor que ignora a própria combustão,
Mantendo o rumo enquanto a alma desfila.
Mas quanto mais sou "Padrão", menos resta do que é meu,
Tornei-me a superestrutura de um navio fantasma.
O mundo aplaude o herói que nunca se corrompeu,
Mas ignora o cansaço que o meu sangue entranha e pasma.
A fragilidade é o luxo que o forte não alcança,
Um porto proibido para quem carrega o comando.
Sustento o peso do mundo, a última esperança,
Enquanto o meu próprio braço vai se esgotando.
Pois quem ampara o Adaptador que perdeu a fé,
Quando a própria armadura impede a alma de fugir?
Sou um gigante de ferro, mantendo-me de pé,
Mas sem espaço interno para poder sucumbir.
Sou o reagente que estabiliza a mistura alheia,
O óleo que lubrifica a engrenagem do sistema.
Mas sinto o salitre que em minhas veias serpenteia,
Transformando o brio no meu mais amargo dilema.
Corro para esquecer o que o metal não conserta,

Nadando contra a vaga de um destino severo...
Pois a vitória é uma cela com a porta aberta,
Onde o prisioneiro é o próprio carcereiro de ferro.

Canto V: A deposição das armas (o que permanece)

Diante do Eterno, enfim, deponho o brio e o mérito,
Pois meu esforço é pó perante a imensidão da Graça.
O fardo de "vencedor" torna-se, enfim, um pretérito,
Uma névoa de sal que o vento do mar desfaça.
Retiro a túnica, o peso, o bragal e a patente,
No silêncio do Visconde, onde o homem se refaz...
Já não sou o metal que reluz para a gente,
Mas o filho leal que busca o Reino e a Paz.
A missão foi cumprida: o "bizu", a norma, o padrão,
O sapato brilha tanto quanto a alma que se calou.
Fui adaptador, portal e até mesmo a contramão,
Nesta simulação de vida que o tempo desenhou.
Se ela não quis o que vivi, se o mundo me quer "útil",
Aceito o destino com a calma de um mar de almirante.
Pois a glória dos homens é moeda vã e fútil,
Para quem já mirou o Cruzeiro como guia constante.
O que permanece não é o aço, nem a força bruta,
Nem o "Status Quo" que atrai quem busca o que eu tenho.
É a honra invisível de quem não fugiu da luta,
E a fé que sustenta o meu mais íntimo desempenho.
Sou resíduo orgânico transformado em energia,
Um artigo de revisão escrito com sangue e rigor...
Pois descobri que a maior e mais alta soberania
É ser servo do Alto e não escravo do próprio valor.
Fecho a escotilha do dia, apago a luz da razão,
Deixo que o balanço me leve ao repouso final.
Não busco aplauso, nem cura para a solidão,
Pois minha essência é eterna e o metal é mortal.
Vim, vi e venci... mas não a guerra lá fora,

Venci o "Eu" que exigia ser deus e senhor...
E agora, no cais onde a alma finalmente mora,
Sou apenas um homem... salvo pelo Amor.

Amar em ato

Bruno da Costa Ferreira

amar como quem inaugura uma linguagem
um gestuário
um ritual indissimulado de corpos em estado de afecção

amar como quem inaugura um cenário
um lugar
uma paisagem ininteligível
somente habitável por quem se abandona ao perigo de sentir muito

amar como quem se liberta da sensação da liberdade que a solidão falsifica para seguir seu
ofício de aniquilamento

amar como quem permite que o passado cicatrize
e compreende que o desencontro não torna abjeto o que outrora foi afeto

amar como quem faz arte
amar em ato
ir às vias do tato

Ambivalência

Wanderlino Teixeira Leite Netto

Diante desse tudo
ou desse quase nada,
já não sei se volto ao caminhar miúdo
ou solto o pé na estrada.
Se desato o laço dessa corda bamba
ou ato o nó na alça da caçamba.
Se queimo vida nesse fogo-fátuo
ou se de fato tento nova ida.
Se afasto o tule dessa nova tela
ou se entulho a talha com esse vinho velho.
Se curto o corte dado no baralho
ou meto o manto e me amortallo.
Se mato o mito que se mete em mim
ou se me omito e me torno mudo
diante desse nada
ou desse quase tudo.

Brumadinho

Michelle Nicié dos Santos Machado

Não, seu moço, não foram duzentas

Aprenda a contar, seu moço

Conte, Reconte, Desconte

Conte aquela árvore que ficava naquela pequena colina onde João, depois do trabalho, encontrava todos os dias Maria, seu grande amor

Conte, Reconte, Desconte

Conte aquele cachorro, um vira-lata amarelo chamado Chiquinho que com sua devoção fazia Aninha sorrir de tanta alegria e graça

Conte, Reconte, Desconte

Conte aquela vaca, a Filó, cuja vida pacata resumia-se a pegar sol, pegar chuva, comer no pasto, dar seu grosso leite todas as manhãs para alimentar aquela família de seis: pai, mãe, avó e três filhos. Eles também tinham nomes e histórias pra contar, seu moço, mas hoje isso já não importa muito, né?

Conte, Reconte, Desconte

Conte aquela longa trilha, seu moço

Aquela trilha estreita e curva, formada por formigas saúvas que iam e vinham fazendo o mesmo trajeto de todos os dias, o mesmo trabalho de recolher gravetos, folhas, restos caídos pelo chão que guardavam cuidadosamente

Conte, Reconte, Desconte

Conte aquele abraço, seu moço, que nunca mais será sentido

Aquela lição na escolinha da esquina que os meninos não vão mais ouvir

Aquela cantiga daquele moço que ia pela estrada se encantando de tudo que era vivo, quente, delicado e frágil

Conte, Reconte, Desconte

Porque no fundo, o moço sabe o que vale e o que não vale, e o quanto uma vida vale nessa terra de nome doce, Brumadinho

E mesmo que a gente saiba contar, né moço, é certo que nenhuma história vai dar conta de tanta minúcia, tanta beleza de coisa miúda, tanta coisa bonita perdida e calada, tanta dor sentida apertada no coração por toda essa gente, esses bichos, árvores, pedras, rios, e por tudo que lá estava e já não há, por a gente mesmo chorando de tristeza

Por tudo isso, seu moço, faz falta lembrar que não foram só duzentas vidas, duzentas histórias

Conte, Reconte, Desconte

Conte, Reconte, Desconte

Conte, Reconte, Desconte

Caminho

Daniel Seidl de Moura

Esta mulher caminhando
num dia luminoso de dezembro
provém de outra mulher
que caminhou
numa tarde abafada de abril
que provém de outra
que caminhou
numa noite chuvosa de agosto
que provém de outra
que caminhou
numa azul manhã de maio
que provém de outra
que provém de outra
que provém de outra
retroativamente
ao tempo em que não havia calendário
mas houve
o primeiro
passo.

Canção dos vermes

Noan Moraes

o primeiro mergulha
mas a água se afasta
o segundo se afoga
e o terceiro se arrasta
o que é não escapa
ao que tudo consome
e os vermes tem fome
e os vermes tem fome
o primeiro emerge
e grita com a voz gasta
ao segundo e ao terceiro
eufóricos: basta!
e no fundo do abismo
há aquele sem nome
e os vermes tem fome
e os vermes tem fome
da lama e do caos
a trindade floresce
mas a chama se apaga
e o mundo se esquece
do poder do veneno
que esperam que tome
e os vermes tem fome
e os vermes tem fome

Chama e vozes

Leandro Carvalho

Momentos contrastantes nas calçadas.
Mil vidas. Transeuntes. Vem e vão.
Alguma luz, algum talvez, mas nada

capaz de distinguir com precisão
poemas, desaguando nas areias,
das vozes coaxando ao coração.

O sol do fim de tarde nos bronzeia
a alma, ressecada pela ânsia
de termos a tarrafa sempre cheia.

Os versos declamados à distância,
no azul com mais azul, que não tem raia,
me trazem nas palavras a fragrância

dos segundos que pairam pela praia.
Há vozes vicejando em cirandas
e cala o olhar atento de uma aia,

enquanto a orla torna-se em varanda.
As vozes têm sabor: doce grisalho.
As ondas vêm à praia, o céu manda,

de novo, uma lembrança de que o falho
sussurro segredando ao nosso peito
faz coro ao descompasso do chocalho

a pendular, ainda bem sem jeito,
das mãos de um outro sol, recém-nascido.

Talvez, vejam nas vozes um defeito

ou pensem "Tanto tempo? Imerecido."

Mas quem merece mais do que um terço?

Buscar merecimento é ser falido.

A observação que, agora, exerço,

oscila, do grisalho vozerio

à chama sem pavio deitada ao berço.

Maravilhada, mas pelo que viu

e não por mais um sol, pois nada sabe

além de fome e sono, sede e frio...

As vozes vivem, antes que desabe

o sol final, o sol que determina

qual a porção de vento que nos cabe.

Pela proximidade da ruína

o riso brilha, meio acinzentado,

servindo de moldura à face fina.

O riso sobre o rosto enrugado

declara: talvez seja sol demais

("o resto é cansaço e enfado").

Mas entre as alegrias e os ais,

estranha harmonia se distingue

das jovens esperanças irreais:

O Sol que rege o tempo é bilíngue.

Sabe o sumério e sabe o be-a-bá.

E sabe dar a luz para que vingue

o dia que, em breve, findará.
O dia de chocalho para a chama,
e a claridade em tudo o que há.

Na roupa, a baba do bebê derrama
um pouco de seu lume, ainda verde,
enquanto, bem madura, a voz declama

um verso acinzentado. Se morrer de
tantos sóis, julgará castigo ou graça?
Mil oportunidades para ler de

perto os contrastes sob o sol, que passa
a ser demais para uma voz cinzenta
acostumada a contemplar, na praça,

tantos pavios ainda brotando. Tenta
classificar flagelo ou delícia
mas sabe bem: no fim, a vida é benta.

Mesmo faltando ocasional carícia,
é mais do que contar tarrafa cheia.
Exige ler no tempo uma notícia

anunciada (seja sobre a areia
ou protegida, ainda de pijamas,
alheia ao sol, que em verso, nos bronzeia):

um sol a mais, nascendo de uma chama.

Coisificação

Dalva Paranhos

Existe entre homem e objeto um vínculo,
influência de um saber minúsculo,
que não penetra o novo em suas vísceras.

A fala explode antes em mácula,
condição indizível; cláusula,
cortesia imprecisa e mísera.

É a metáfora da falsa vera-efígie,
frágil virtude, dura ruptura
que amarga a lâmina da plenitude
e fere a coisa no que não poderia ser.

Conto de fadas

Inara Couto

'Alô', chegou ele
'Olá', sorriu ela
Toco de cigarro
Fundo de panela
Perna depilada
Olho com remela
'Vem', pediu ele
'Eu vou', beijou ela
Conta conjunta
Cama king-size
Tapete manchado
Café com jornais
Telefone mudo
Mobília cambaia
Televisão em cores
Pé de samambaia
'Amor', gemeu ele
'Amor', ganiu ela
Creme de limpeza
Pente engordurado
Fórmica na mesa
Quadro despencado
Algodão no ouvido
Taco despregado
Corpo conhecido
Corpo desvendado
'Pra quê?', pensou ele
'Por quê?' chorou ela
Tardes à janela
Lembrando o passado

Compras no mercado
Dinheiro contado
E o sonho, e o medo
E o beijo bocejado
E o hálito mal-vindo
E o rosto virado
E o toco de cigarro
No cinzeiro imundo
E o fundo de panela
No fogão imundo
E a porta da frente
E a porta dos fundos
E a risada amarga
Flor murcha na janela
Bibelô quebrado
E sem mais aquela
'Adeus', matou ele
'Adeus', morreu ela.

Corpoema

Maria Sandra Camerini

*Partes do mistério, cadeia infinda, clamam os corpos no
extremo do tempo.*

Corpo entre os corpos, esquinas, calçadas,
mais que pés, mais que braços, anônimos passos
no antro espaço, denso plano das cidades.

São faces feridas por setas precoces,
a fome, o medo, a peste fulminante.
Os sem-esperança contra a sina, tão perto,
longínquos, sem teto, só o chão e o direito
de habitar sob esse os homens deitados.

Corpos dos corpos, dardos nascendo da carne,
a vida oceânica espécie, dispersa maré sobre a terra,
onda ávida por si mesma.

A despeito do tempo, dos desmandos,
do dia do assombro, agentes poluentes, a mina,
o rejeito, o núcleo da usina, o minério na quadra,
no dedo, no ovo, no estômago, desvalia do homem!

Nas ruas perdidos os corpos meninos,
os corpos meninos, os corpos meninos!
Outros na praça da esquina, na Quinze, na Sé
naquela de Maio, na outra Vermelha.

No Parque Central, picadeiros do mundo
são corpos dispersos na massa indistinta
e o dano calculado das bombas abaixo,

acima, dentro, um gesto e os corpos

f-r-a-g-m-e-n-t-o-s!

A coisa, o desejo; o desejo das coisas. Entre corpos
e mãos, passando vão as demandas nas esteiras.
Ardem silêncios em naus industriosas, queimam pulsos,
células se exaurem, é o amor emparedado entre artefatos
e o poema, canto oprimido em chão graxo e engrenagens.

Os corpos tombados sobre os campos ermos,
a terra sangrada, tomada, retida. Cada parte mínima de solo
é um homem morto em todas as idades,
amor mal compartilhado, poema sedento no pó, canto inútil,
exílio em país de origem. O corpo estranho!

*Se Viver é conter-se entre paredes de corpos feitas, a
amarga morada do poema é latejar vontades, suportar em
mudez a névoa do limite, o amor encarcerado, as frações
nas partes.*

Há que pensar: É por que o sol atrai a vida
que o tempo lança de seu seio os corpos?
É a vida que ama atravessar os dias em braços e pernas
e repetir sua ânsia ambígua nos olhos dos que a vivem?
E é por si mesma que ela nos habita e toma nosso corpo
às suas ordens?

Vagam os corpos, no tecido temporal
legiões de espanto se sucedem e os corpos se tocam
como barcos e se afastam, interrogações lançando
proas umas às outras, tráfego de setas contrárias.

Se assim vagam os corpos, perdido é viver

quando não sabem por que voltam, improfícua é a vida
quando não encontra a formação do ser nos corpos

Pois, pode mais que veículo de vida, o corpo, o movimento
da vontade; os olhos sobre a extensão que o limita.

Deve mais que caminhar a esmo sentir o lugar de onde parte
e assim olhar a rede do viver por dentro, saber como e para que
no coração batem as horas.

*Se no princípio era o verbo, todo homem desde seu corpo,
há de devolver ao menos um eco em tributo à origem!*

Da célula dividida, ancestral porção, partiram os homens
e o rio no seu encalço pelas paragens da vida.

Se doem os núcleos atentos e no arpejo as cordas
se distendem, se há verbo e voltagem nos filamentos
meninos, canta um rio no coração dos filhos. Se o corpo
por dentro é verso, homem, palavra, toda a instância
é seu domínio.

Assim, em silêncios, ruídos, cresce o sentido e a direção
na construção dos corpos. Dar casa à vida e, mais, contê-la!
Domar o rio para o fluir contínuo entre as fronteiras
de carne provisória.

Poema é então todo o homem, não cabe só em seu corpo,
há de encontrar os irmãos e levantar a palavra à inteireza,
suspeitar de seu fascínio. Já não cabem em si as palavras,
são dados perdidos, avanços, recuos e, no entanto, rumos.

O rio desperto, então, vem! Vem pelos tempos,
pelos afluentes, vem pelas gretas em ritmos confusos,
subterraneamente vem — do abismo dos poros, pelos olhos,

em atos, vocábulos, símbolos à procura dos filhos.

E os corpos unidos na feição do amor se levantam,
cada homem é palavra e partícula da luz do Poema
que irrompe, os dedos do espírito, o vulto crescente
dos seres no CORPO, cambiado exprimir de semblantes.

Logo, não cabe em si todo o CORPO; não cabe em si
o POEMA; mas sim no contentamento pelos filhos
que descobre a lavrarem em termos infindos
a profissão perene de ser CORPOEMA — verso em geração.

E ainda que falhem, que nunca bem saibam,
nem compreendam direito como ser corpo e pessoa,
ou como escolher as palavras para dizer
o que dentro contém; ainda que tarde pareça,
ainda que o dia anoiteça, “vide verso”;
quando os poetas levantarem do seu sono,
o Poema vem!

De um lugar próximo e distante

Gustavo Soares Maia

decretei o meu fim:
deseja encerrar a conta?
agora sou um espectro a vagar pelas calçadas.
“a realidade significa realidade
e isso é um mistério maior”, disse a poeta.
aqueles que me procuram constataam o meu fim
e fazem — assim espero — uma prece em meu nome.
por certo se lamentam:
 não poderá mais contemplar as esculturas de plástico
 o final feliz dos vídeos lançados toda manhã
 os esforços, os corpos, os anestésicos.
sufocavam-me as imposições de receitas de vitaminas
feitas de otimismo servil e maçã,
eu poderia justificar em meu testamento,
mas não o faço.
não há — nem nunca houve — o meu tamanho no mostruário de suas lojas.
cogitei então que eu pudesse ser uma criatura de eras passadas
condenada a estas cidades, a estas leis.
 cidades construídas com anfetaminas
 nuvens telemáticas
 sentinelas de Silício
 lâminas d’água que sequer recobrem meus pés.
 leis que revogaram o direito ao segredo
 à impureza
 à assimetria
 e que ordenaram queimar as bibliotecas.
fui excomungado por não adorar o deus tecnológico
e condenado a arder em fogueiras alimentadas por baterias de lítio
(nu, pois suas roupas não me servem).

decretei o meu fim

e agora posso ver o Anjo da História como eternizado por Klee.

Descanso

Aline Maria Magalhães

Há de chegar o dia
Em que meus pés pisarão um chão de areia fofa
Em que meus calos
formados de uma vida toda em chão de pedras
Já não serão sentidos
Em que as feridas se curarão
nas águas salgadas de um mar profundo

Mas

Quando esse dia chegar
Talvez eu me afogue
Por não saber nadar
em águas calmas.

Desesperança

Beatriz Amaral Marques

*Em andanças e vicissitudes
Por veredas e impropérios
Encontro grãos etéreos
E pedras de puras virtudes*

*Almas desvalidas palavras vazias
Olhares poluentes e fingidos
Espinhos caídos e perdidos
Sem fé em melhores dias*

*O hálito cortante pelo frio
Descabido e injurioso
Tropeça em pedregulhos falsos
E em prisões e cada falsos*

*Sinto um toque perigoso
Pálido árido e sem brio*

*Árvore seca sem folha nem flor
Diante da presença do outono
No abismo do meu sono
Despenca sangrando de dor*

*E a poeira decomposta pela paixão
Se dispersa na lama imunda
E desesperadamente afunda
A sete palmos do chão*

Diáspora

Sérgio Flores de Campos

Risco o breu em regiões vastas,
empunhando a tocha esvaída
e a carcaça estremecida
em glóbulos que selam as lascas.

Não morrerás!

Olhos partidos,
em silêncio convertidos,
arquejam entre dois mundos:
um impotente para acolher,
e outro, silente, a agonizar.

Ante a árvore descarnada
ouço o coração latejar
na retina entrincheirada
que torna o cascalho altar.

Teimo em dizer: Não morrerás!

Em espiral emborcada,
o pó consagra a cabeça,
– só – acima da manada,
erguida e estirada no hálito
que espumeja cada pegada.

Fraturem a língua,
abrasem as páginas e,
mesmo assim, o ventre
erigirá cidades
em que não se jogue a primeira pedra,
onde se possa dizer:

“Estou chegando, reguem as flores, pois
aí o seu perfume não é um insulto”.

O luzente harpejo
das guturais, projeta
cardos e calhaus em cortejo
pela fuma suave e reta.

Viverás.

As asas fechadas em breu
recaem sobre o centro
de subterrânea coragem
que esfocinha as unhas ao céu
e, nessa hora dos vapores,
em passos de labirinto
já sem tempo para ancorar imagens,
bocejo como se tudo entendesse.

Elegia em quarto fechado

Jadiel Pantoja Carneiro Filho

I

A tarde desce como um véu cansado
sobre os ombros da casa silenciosa.
Não há rumor de praça, nem riso leve;
apenas o relógio, metucioso e frio,
marcando o desgaste invisível das horas.
Que fizeram dos sonhos inflamados
que outrora ardiam como archotes?
Que restou das promessas juvenis,
erguidas sob céus que pareciam eternos?
Agora tudo é penumbra moderada.
Nem tragédia, nem glória.
Somente este intervalo suspenso
entre o que fui
e o que não cheguei a ser.

II

Oh, Byron compreenderia este cansaço!
Não o da carne, mas o da esperança.
Aquele torpor elegante, quase nobre,
de quem já pressente a inutilidade do gesto
antes mesmo de erguê-lo.
Há livros abertos sobre a mesa,
mas as páginas tornaram-se espelhos.
Leio e releio o mesmo verso,
não para entendê-lo —
mas para não ouvir o próprio pensamento.
As palavras, antes centelhas,
agora soam como passos sobre neve:
abafadas, indecisas,

quase ausentes.

O amor?

Já não é incêndio.

É bruma.

Lamartine falava à lua

como quem implora ao infinito.

Eu falo às paredes

e elas devolvem

um eco domesticado.

III

Vivo no corredor da minha casa

como quem atravessa um inverno interior.

O assoalho responde aos passos

com um rangido discreto,

quase irônico.

Não há fantasmas visíveis,

mas há memórias que se deslocam

como móveis arrastados na madrugada.

Recordo cartas nunca enviadas,

confissões ensaiadas diante do espelho,

gestos interrompidos

por um orgulho que já não me serve.

Acendo outro cigarro.

A fumaça ao menos

tem forma.

Ela sobe, hesita, dispersa-se.

Mais honesta que muitos sentimentos.

IV

Que nome darei a esta apatia?

Não é dor bastante para poema trágico,

nem alegria suficiente para hino.

É um meio-termo morno,
uma estação que não decide
entre florir ou secar.
Sinto-me estrangeiro de mim mesmo.
Como se alguém houvesse trocado
as etiquetas da minha alma
enquanto eu dormia.
Deço à cozinha —
a água na chaleira fala
como se soubesse algo que ignoro.
O vapor sobe
e por um instante recorro
a infância.
Havia naquela idade
uma confiança inexplicável no amanhã.
Uma fé que dispensava argumentos.
Onde repousa agora tal confiança?
Em que gaveta do tempo
a esqueci?

V

Abro a janela.
O céu de inverno é vasto,
mas não promete nada.
As nuvens passam
como pensamentos que não se fixam.
Um pássaro corta o ar
com a indiferença das criaturas livres.
Talvez seja essa a maturidade:
olhar o infinito
e não esperar resposta.
Goethe falava da alma em tormento,
Werther ardia sob o peso da própria sensibilidade.
Eu não ardo.

Eu resfrio.
Não há tempestade suficiente
para justificar a vertigem.
Apenas este frio constante,
esta neve interior
que cai sem espetáculo.

VI

À noite, o quarto torna-se mais estreito.
As sombras alongam-se nas paredes
como pensamentos que não querem dormir.
Deito-me, mas o corpo não repousa.
O teto parece aproximar-se lentamente,
como se desejasse ouvir meus segredos.
Conto as fissuras do reboco
como quem conta estrelas apagadas.
Há uma solidão que não dói —
apenas ocupa.
E é talvez a mais perigosa.

VII

Ainda assim —
há segundos.
Segundos breves,
quase indecentes em sua claridade,
em que um raio oblíquo atravessa o quarto
e ilumina partículas suspensas no ar.
Nesses instantes
não sou blasé,
não sou descrente,
não sou espectador fatigado.
Sou apenas respiração.
O peito se expande,
o ar entra como visitante inesperado,

e por um momento o mundo
recupera contorno.
Talvez não sejamos feitos
para a chama constante,
mas para estes lampejos.
E se a vida não é incêndio,
é ao menos brasa.
E se não é epopeia,
é murmúrio persistente.
A respiração —
esse gesto mínimo,
esse movimento anônimo
que insiste em continuar —
é o único verso
que ainda me salva
do silêncio absoluto.
ou equilibrar com mais transcendência?

Ensaaios de ruptura

Max Raposo

O despertador rasga o silêncio do quarto.
Calço os chinelos — o couro está gasto, a sola, lisa —
e fico parado no chão frio, escutando
a mesma rotina diária:
o motor dos carros na rua,
o arrastar de uma cadeira
no apartamento de cima
o gotejar intermitente da torneira
não totalmente fechada.

Penso: o que mais o dia irá retirar
de sua caixa de ferragens —
qual parafuso solto, qual mola já sem tensão,
qual porca enferrujada de reserva —
para ajustar à minha engrenagem fatigada,
testando, uma a uma,
as peças sobressalentes da resistência,
até que nenhuma mais se encaixe
no mecanismo gasto do propósito?

Hoje virão novos fatos.
Objetos banais terão arestas.
Palavras comuns carregarão
o peso de uma pedra.
Haverá uma conta por pagar,
um papel a assinar,
um copo quebrado na pia,
a senha que não funciona,
e em cada um desses gestos
um pequeno peso sendo acrescentado
ao prato já inclinado da balança.

O dia é a vibração de baixa frequência
que afrouxa, um quarto de volta por vez,
cada parafuso no quadro das horas.
E eu me pergunto,
com a curiosidade seca de quem observa
o último grão de areia na ampulheta:
qual será o grão que fará
o fardo transbordar?
Qual dessas pedras miúdas — esta conta,
esta notícia, este olvido —
será a pedra final,
aquela que a coluna já não consegue
incluir em sua arquitetura?

A vida é este teste de carga:
conheço a tensão que cada viga suporta,
e o tempo apenas acrescenta peso,
miligrama por miligrama,
à estrutura já comprometida, aguardando
o cálculo exato
em que a resistência teórica cederá
à matemática simples da fissura.

Me pergunto qual será o detalhe ínfimo,
o último fio que, ao romper,
fará com que todo o tecido,
já desfiado há tanto tempo,
aceite finalmente sua natureza
e descubra que seu fim
não era uma costura,
mas o ponto exato onde a agulha parou
de encontrar o pano.

Evaporação

Paola Gemente Di Sessa

A água escorre pelo ralo, inevitavelmente.
Escandalosa, incontida, alardeando a rota de fuga,
entre agudos e ecos ritmados, estridentes.
O fluxo é destino.
Evidencia-se na matéria a pulsão por movimento.
O que não escoar se recusa a permanecer estático
e transmuta-se, sublimado, escapando ao contato.
Leva consigo os excessos dos corpos fatigados:
lágrimas, saliva, epiderme e passado.

Insone

José Fernando Marques de Freitas Filho

O corpo encerra o sol e, gesto a gesto,
agita-se a ciranda do desejo,
as ancas anchas, bico, boca e beijo
excitam calmas páginas de incesto.
O corpo lentamente, o corpo presto
duplica-se no espelho e, cego, vejo:
a lua nua chove sobre o Tejo.
O sexo a rebuscar. O sexo-texto.
Então elide o solo, elide o teto,
evita conformar-se ao próprio tempo
que cedo morde a carne e seu afeto:
nascido sob as dobras do concreto,
levita como simples pensamento
o corpo quando flauta, e falta, e vento.

Metrópole

Jarbas Leandro Ferreira

Cimento, concreto,
Poeira, asfalto;
Criança estendendo a palma da mão.

Barulho, buzina,
Automóvel, oficina;
Mulher estendendo a palma da mão.

Congestionamento, carros,
Asfixiamento, cigarros;
Homem estendendo a palma da mão.

K9, milícia,
Arrastão, polícia;
A violência estendendo a palma da mão;

Ansiedade, desemprego,
Solidão, insossego;
A dor estendendo a palma da mão.

Prostituição, luxo,
Jardins, lixo;
A miséria estendendo a palma da mão.

Violência, dor, miséria, horror;
A metrópole estendendo a palma da mão.

Não há sinal de porto algum

Júlio Polidoro

Esse tempo sem ganidos lépido rijo
abre fendas entre os vãos das pernas, querelas
lapidando a permanência; sou cão e mijó
sobre os postes do que passa e passo como elas

Velas apagadas no espaço em que transijo:
o acendedor de lampiões no breu das celas
concentro o leme a rota penso que dirijo
dirijo as impressões e me impressiono nelas

O rumo dessa sorte pela sorte crua
ao ritmo dos ventos remado pela lua
invento a escuridão e o caos me é propício

Mas eis que em conclusões e convulsões assisto
à margem dos senões a margem do que avisto:
o porto a contramão o cais o precipício

Narciso

Silvia Raimundi Ferreira

Há pedaços nossos por todos os cantos,
pedaços nas gavetas, no armário,
nos corpos que habitamos.

Restos que a memória inviabiliza,
mas que nos fazem e desfazem,
como uma tela cubista.

Há um resto de infância.
O pai,
e um cheiro de mãe.

Há uma imagem
que mora nas camas,
e nas mochilas imberbes,
e no corpo das meninas púberes.

Há ruídos e sombras nas passagens,
e há o medo, que a tudo reúne,
nos avatares do tempo.

Se tudo que é vivido é permanente
nos templos da história,
tu restarás também, como um aviso,
de que o feitiço que matou Narciso
foi o de olhar, exclusivamente,
para o buraco vazio de seu umbigo.

O limo verde das estátuas

Ovídio Poli (Junior)

I - Brecheret

Da maquete à obra

três décadas:

entre a goiva da memória

e o fincar no chão.

Daqui a séculos

(quando todos estivermos calcinados)

lá estarão os cavalos com suas patas imóveis
a fitar o horizonte da metrópole engolida pelo pó.

No Monumento às Bandeiras

(epopeia talhada em granito) gravou-se a alma paulistana:

rasgando o tempo com a lâmina do trabalho,
peneirando o ouro com a concha das mãos.

(poesia escrita sobre a pedra bruta)

II - Borba Gato

Vai, bandeirante,

perdido entre os semáforos

em meio à praça

– não liga para os transeuntes
com seus passos apressados.

Vai, bandeirante,

segue adiante,

rasgando ventres e fronteiras
escreve em basalto e mármore o mapa do Brasil.

Vai, meu nego,
tu és o verdadeiro mentor desta terra
tu forjaste com teu trabuco

essa pátria de eunucos
e a cruel indiferença paulistana:

que dá bom-dia todos os dias
nos elevadores sociais

que rasga a Constituição
e foge pra Lisboa

quando aqui não adianta mais.

III - Tombamento

As estátuas
caem, tombam, desabam

como árvore em tempestade
como gente pelo tempo.

As estátuas rolam,
como pedra em corredeira,
o limo toma-lhes o corpo

a estrutura toda
corroída-oxidada.

Nem mesmo as de cobre ou bronze escapam
à ação dos fungos e líquens:

algumas não se sustentam
nem mesmo em sua própria época

algumas não sustentam
nem mesmo seu próprio peso
– até mesmo as equestres.

Mas certos homens ficam
na mente do povo
ao longo dos séculos
– outros, mesmo corpóreos,
memória inútil a reluzir na sombra,
nada fazem senão perecer.

Oyendau (ou a pedra da memória)

Martim César Ramires Gonçalves

I

E te chamaram de América...

Tu que dormias no anterior a tudo,
na primavera dos tempos. Na infância do mundo.

Tu que eras presente, eternamente continuado,
terra embalada por sons naturais. Sinfonia perpétua.
Água esculpindo nas pedras o rumo dos rios,
floresta soprando no vento o gérmen da vida.

Tu que eras palavra de mil bocas.
Grunhidos e sinais, gorjeios e canções.
Idiomas de gentes e animais. Tu que eras vegetal.
Folha sussurrando ao vento, chuva respingando o chão.
Tu que não precisavas nome de terra, pois eras a própria terra.

Tu que antes eras pedra e árvore, areia e relva,
e entre eles eras água, líquido vital, rumoroso e puro,
eras filete escorrendo da neve da montanha,
eras a primeira gota derretida ao sol e a segunda gota,
e depois o córrego que cantou na linguagem das pedras
e que, mais abaixo, encontrou outro córrego,
e assim se tornou um riacho e se juntou a outros
e se tornou rio que, de afluente em afluente,
foi crescendo, alargando margens, saciando bocas,
até desembocar, ruidoso e imponente,
no mar imenso e insondável.

Rio que antes irrigou as selvas, campos e sertões,
e encharcou pântanos, e fecundou vales.
Tu que foste a fonte onde se saciariam homens e animais

e de onde nasceriam as plantas que seriam domesticadas
para servirem de alimento e de ofício cotidiano,
e que, por fim, plantariam o homem em cada lugar.

Porque tu semearias os homens nestas imensidões,
vindos de terras distantes, atravessando estreitos gelados,
em tempos imemoriais, em sagas que não foram narradas,
por serem anteriores a estas eras, a estes tempos,
mas que foram tão reais que ainda estão em nossos genes,
na adoração ao fogo, na sobrevivência ao frio,
no lobo renascido em cão, ainda hoje enterrando ossos,
para um inverno que já não é igual,
mas que sobrevive, implacável, em sua memória.

Os homens, que também viriam em barcos, desde o poente,
de lua em lua, de ilha em ilha, de geração em geração,
de fogueira em fogueira, vencendo ondas e penhascos,
até alcançarem estas paragens de onde não mais sairiam.

E, assim, por milênios te cruzaram de norte a sul,
de oeste a leste, da cordilheira ao Pampa,
da floresta ao deserto, dos pântanos até o mar.
E se entrecruzaram, misturando seus sangues,
e enredaram suas mãos e seus pés, feito raízes,
e pariram novos deuses da chuva e do trovão.

E foi só então que os sons começaram a te nomear,
só então começaram a musicar teus nomes.

Porém não eras América ainda, e sim a terra.

Somente a terra, ainda sem nome, ou de muitos nomes,
desde o mundo Alakalufe, no sul mais ao sul,
gelado e aquático, nevado e canoeiro.
até o território Inuit do extremo norte do mundo,

também feito de gelo e de água, de nevascas e de vento,
na brancura eterna, misteriosa e mineral,
dos confins deste hemisfério.

E entre esses dois lugares, nas distâncias abissais,
sob as noites de infinitas estrelas e de planetas viajantes,
forjavam-se homens e mulheres, mulheres e homens,
cada vez mais, noite após noite, vida após vida,
para que um dia tivesses esse nome que agora escrevo,
esse nome que veio de longe, de outros mares,
e que levamos como filhos que não puderam escolher
com que palavra se reconheceriam, com que som,
e que não sabemos se nos cabe, mas que ouvimos,
e que quando nos chamam, orgulhosos ou contrafeitos,
aceitamos como nosso.

Esse nome chegado de longe, e de homem nascido.
Esse nome que não necessitávamos antes que viessem eles,
posto que eras a terra, anterior à catástrofe, eras a terra,
simplesmente a terra que já tinha seu nome, por ser mãe.

Pois eras a terra, a mãe e o pai, a madre criadora,
O ventre gerador de tudo e de todos,
O lar que já tivemos, Pachamama.

II

América, mãe e madrasta, pátria e patíbulo.
Dá-me hoje tuas sonoridades, teus nomes esquecidos,
Tua música criada desde o fundo dos teus espíritos de selva,
Tuas palavras de pedra e barro, de salitre e de cobre.

Dá-me também teu silêncio e teu martírio,
Teu pranto e teu lamento, tua seiva e teu sangue,

Porque eu preciso contar, ainda que não me escutem,
Ainda que estes tempos já não queiram te lembrar,
Preciso recordar. E te busco, pelos rumos da memória,
Desde a noite dos tempos, desde as primeiras fogueiras.

Ahoniken, Tehuelches, Selknams e Yaganes,
Chonos, Huilliches, Payos e Kawésqars canoeiros,
Todos eles e outros mais te miravam desde o sul.
Ou desde o mundo anterior ao sul. Muito antes do sul.
Porque não havia sul nem norte, oeste ou leste.
Havia o mundo. Existiam as estações. O dia e a noite.
Existiam as ilhas e as geleiras, o temporal e a ventania.
E existia o mar que era o final e o começo de tudo.

América, dá-me teu canto mais sentido, teu silêncio aborígene,
Tuas palavras naturais, teu idioma híbrido de gente e terra,
Tuas noturnas visões de um céu misterioso e intocado.

Mapuches e araucanos te miravam desde onde o sol nascia,
Te avistavam sob as luzes infinitas do firmamento,
Sob a pálida e gigantesca lua, com suas formas variáveis,
Debaixo de mil constelações, de poeiras incandescentes,
Desde onde milhares de estrelas surgiam a cada anoitecer.

Ali cruzavam as montanhas, tão altas como deuses impassíveis,
Ali admiravam o voo dos condores de gigantescas sombras,
Imitavam e reverenciavam os silenciosos pumas caçadores.

E foi assim por milhares de luas e por quase infinitas gerações,
Por incontáveis noites de histórias e de cantos ao redor do fogo,
Por milhares de caçadas de focas e guanacos, de lobos e nhandus.

Até que um dia, de repente, apareceram os primeiros vestígios
De que tudo acabaria, de que o final viria pelas mãos do mar,
O mesmo misterioso mar que dava alimento a tantos povos.

Ruídos. Vozes. Algazarras. Estranhas palavras tocadas pelo vento.
Rumores agudos e metálicos que este mundo jamais ouvira,
E que trariam o inconfundível cheiro da mortandade humana
A estes lugares que sempre foram nossos.

Foi quando casas assombrosas apareceram desde o mar
E delas saíram homens pálidos e barbudos, metálicos e hostis.
E mesmo os não ferozes, trouxeram males que ninguém conhecia,
Mas que arrasaram nosso mundo e mataram nossos deuses.

América, dá-me todas as imagens de dor, todas as tuas chagas,
E mesmo que fossem infindas, seriam poucas as palavras
Para contar tudo o que sucedeu.

América, dá-me teu grito mais profundo, tua canção mais sentida,
Teus idiomas feitos de vento e de pedra, de neve e de água,
De relvas e mata, tua linguagem de silêncio, enfim, de silêncio.

De silêncio.

III

Oyendau.
Porque ainda segues memória.
Porque ainda falam as pedras gravada sobre teu solo.
Porque ainda falam por ti. Falam de ti e resistem.
Mesmo quando já não estás, tu segues estando.
Elas que são mensageiras de outra era,
de outros dias e de outras noites.
Pontas de flecha, pedras de boleadeira, ocarinas, conchas,
Arcos que cantam ainda em suas cordas,
Quase todos já sem donos,
Mas que seguem soando no soprar do vento.

Porque foram - e ainda são - vida.
Vida que ainda pulsa sobre o chão.
E canta.

Oyendau.

Não escutas? Não ouves seus ecos? Seus chamados?
Seus cantares ao derredor das fogueiras?
Silencia então. Silencia. Diminui teu ritmo.
Acalma tua respiração. Compassa o tambor do teu peito.
Silencia e ouve. Fecha teus olhos e ouve.
Escuta, além dos ouvidos, com todos os teus sentidos.
Escuta.

Aí estão eles. Agora podes ouvi-los.
Ecos de um tempo que não está muito além.

Foram milhares de luas e estações,
Até a chegada desse dia em que tudo começou a terminar.

Até esse dia em que chegaram aqueles que não entenderam
Que somos parte de algo maior,
Algo que pulsa em cada árvore e em cada rio,
Em cada animal e em cada homem,
Todos vivos. Todos pulsantes.
Todos partes de um mesmo ser.
E que se matarmos nossos irmãos
- filhos de uma mesma mãe terra -
E que se extinguimos a última floresta,
Matarmos o último rio e o último animal,
Matamos a nós mesmos.

Peixes no ano de cavalo: inventávamos algo

Marina Barroso

tudo nadava para um novo,
ainda um profundo desconhecido.

a pele não era mais pele,
enrugava-se na tentativa de virar escama.

cobra?
peixe?
peixe-cobra?

sabia disto:
não éramos humanos,
eu e tu.

depósitos de oxigênio não eram mais os pulmões.
sentia-se que a água era um esboço de resposta.
para qual pergunta,
afinal?

não sei,
sei pouco,
sei agora menos ainda.

à onipresente-mediadora:
que estranheza pensar que houvera tempo em outras matérias.

o prelúdio fora diferente:
com pernas,
braços,
mãos,

dedos.

nascia o meio com
brânquias,
nadadeiras,
caudas.

o epílogo já era indefinível,
nossa natureza animalesca só descobrimos no ponto final.
até lá,
nado naquele instante eterno.

devagar e, por isso, tão veloz.
leve, e de silenciamento do que não existe de forma autônoma.

ouviam-se, tão só,
os sons emitidos antes da invenção da palavra.

e isso, por si só,
já foi a invenção de alguma coisa.

Penitência

Amanda Cristina Gonçalves Gomes

Do alto, cai-me um pensamento:

De chegar ao limite do limite

De minha mente esquizofrênica,

Do oco casco que descasca

E se solta do corpo inválido

E resgata minha alma afetada,

Do delírio deformante

De razão deformada;

De agonia deturpante

De alegria deturpada.

Da dilacerada vida suspeita,

Do sôfrego suspiro suspenso,

Era tudo,

Era nada.

Apenas era.

Pipa sem cerol

Guilherme H. Cordeiro

Somos o cálice transbordando vinho
Somos o ápice estando sozinho
Somos a métrica da rotina
De todos os fatores ambíguos

Somos a presença não notada
Somos a esperança ignorada
Somos a cabeça cética
Uma química que nunca foi demonstrada

Somos o peão ainda girando
Somos o brinde de mais um pacote
Somos a lírica eufórica
E não contamos com a sorte

Somos o café mal fervido
Somos a poeira do destino
Somos a válvula mais vívida
E ainda continuamos rindo

Somos o cálculo atrás da máquina
Somos o vínculo, depois da ruína
Somos sátira ou talvez empiria
Ninguém nos vê mas estamos caindo

Somos a pipa sem cerol
Somos o vazio existencial
Somos a cláusula, uma fábula
Uma arte que pode ser imortal.

Plúmbeo

Lauro Gonçalves Robles Júnior

Na urdidura do fado indecifrável,
Tocou meu breu a tua luz etérea.
Era o encontro, por lei inexorável,
Dando um sentido à forma e à matéria.

Mas o meu ser é de um peso telúrico,
Sombra de templos que o tempo consome.
Ante o pavor deste rito teúrgico,
Buscas a paz sob um brando renome.

Viste o gravame do arcano profundo,
E a mansuetude atraiu-te o desejo.
Eu, que decifro o invisível do mundo,
Não prendo o passo que em ti já prevejo.

Fico na margem, de olhar sideral,
Vendo o teu rumo na via serena.
O amor é o rito do meu próprio umbral,
Vasto na dor que em meu peito se ordena.

Rio

José Carlos Santos Peres

A chuva namora o rio:
penetra suas entranhas
entre raízes, pedras e lama;

inventa nova geografia:
(virgens reentrâncias)
amando seu corpo
masculino de rio;

desgoverna suas margens
explorando enseadas;
tateando o escuro de sua alma,
lambendo suas curvas
com língua profunda
encharcada...

A chuva acaricia o rio
do seu jeito: de qualquer jeito;
pela força, por dentro,
cuidando para fluir
em seu leito
a gravidez de um outro rio:

tentativa de oceano.

Rio no mar

Heloísa Assumpção

O mistério que rodeia é o mesmo que preenche.

Aroma fresco em manhãs macias,
cheias de manhosas inspirações
que despertam ouvidos,
dedos, dentes.

Água morna abraçando cabelos,
pelos, poros.
Jorrando sopros de pura vida
em curvas de corpos lentos.

Sentimento cíclico das marés
ora enchentes ora vazantes,
que segue enluarado
remexendo internas águas emoções.

Rio de risos leves musicados
pela pulsante canção coração,
que toca os olhos e beija areia
em ondulante contemplação.

Rocha solar

Gabriel Magno Alexandre Vieira

Desces pela rua hereditária
de uma cidade cansada,
porém quase intacta,
não de dor ou paixão,
mas de renovação de espírito —
que jaz virgem nas pedras que a formam.

Ouves o badalar de um sino distante
que ecoa por estas pedras,
falhando em despertá-las.
Mas esse mesmo som te inquieta
e te eleva ao plano da imaginação,
onde passas as melhores horas do dia.

Lá, és grande e
os aplausos nunca são escassos.
Lá, és herói de causa nobre,
que nunca vês o fracasso.

Há sempre um baú do tesouro a tua espera,
além de um horizonte de céu arrebol e mar esmeralda,
no qual percorres mais a amada
com o vento em teus cabelos...

Mas o sonho,
como uma metamorfose,
transforma-se em introspecção
e acordas arrancando a casca
de uma árvore velha e sábia.

Percebendo que o sonho é distante
e a motivação é frágil,
continuas para o fim de mais um dia comum
e entendes que o teu espírito,
assim como o da cidade,
dorme sob a pedra em que andas.

Mas anima-te!
Pois a pedra não está
no meio de teu caminho,
ela é o próprio caminho:

Pedra mineral, pedra da vida,
pedra ferida, que,
mesmo depois de tantas tentativas,
deverá ser percorrida
até que o pico seja alcançado.

Sextina ao tempo

Renato Capellari

Tecendo os dias vão tamanha trama
Num minucioso ofício, estranho traço,
Que estão em um momento andando lento
E estão noutro momento em presto passo.
Um sopro findará da vida à chama
Que vem do grande fôlego do Tempo.

Oh, tráfegar intrôpego do Tempo!
Que intentos em segredos ele trama?
Por quais porquês ocultos ele chama?
Às vezes não distingo já seu traço:
Penso que lento eu vou - veloz eu passo -
Julgo que vai veloz o que vai lento.

Mas tudo que vagueia vai tão lento
Exposto à duração do vasto Tempo;
Claudica e curvo arqueja em manco passo
Nos fios que se cruzam desta trama.
O velho, ao pressentir da idade o traço,
A juventude quer, e em vão a chama.

Arrefecer eu sinto da alma a chama,
Fazendo com que eu pulse já mais lento,
Tornando tortuoso o destro traço.
Eu corro por viver enquanto há tempo,
Embora não se saiba o que se trama
A quem ligeiro segue co'esse passo.

Não sei por onde eu sigo, aonde passo
E de onde vem a voz que evoca e chama

A andar incertos passos nesta trama
De célere tecer e nunca lento.
Só sei que se me escapa o escasso tempo,
Estampa-se em meu rosto aflito traço.

Trajeto de extravio eu mesmo traço;
Às cegas vou aflito e levo o passo
Na busca de encontrar o curto tempo,
Que vai longe de mim e que me chama.
Mas ai! inalcançável, pois vou lento
E perco o tempo e a vida, infausta trama.

Já sinto desta trama em mim o traço:
Ao passo que vou lento, eu mesmo passo
E ao triste fim me chama o austero Tempo.

Soneto da vontade distante

Ricardo Ramos Filho

Até onde a vista escuta
Vou viver vivendo a morte
Vou jogar fugindo à sorte
Vou secar a mesa enxuta

Até onde a boca cheira
Disparado vou parando
Então sem ver fico olhando
A beber a carne inteira

E sorrindo aos inimigos
Agredirei meus amigos
Que a razão já não sou eu

E chorando de alegria
Comemoro então o dia
Do vermelho luto meu

Tudo cansa

Tatiana Costa Valverde

E tudo cansa...
Cansa a mansa densa
manhã.
Nunca descansa.

E tudo cansa...
Deixa a porta esvaziar
a mente mancha.
Aprisionando o movimento
que a vida amansa.

São lembranças que deixam
marcas,
são cadeiras de amolar
prisões de acabar.
O cerco avança.

Não perca tempo
o cheiro cansa.
O terno peito cansa
o doído.
“Doido” parece estar tranquilo
enquanto o mundo
cansa...

E tudo cansa...
Cansa a mansa densa
manhã.
Nunca descansa.

Finalistas

Efeito borboleta

Regina Gonçalves Moreira

Não foram os cataclismos
nem os colapsos estampados em manchetes
Foi um gesto mínimo,
quase imperceptível,
desses que acontecem enquanto a água ferve
ou o telefone vibra sem resposta.

A vida não avisa quando se desloca.
Inclina o eixo
e segue.

Chamamos de acaso
o que é, talvez,
a soma subterrânea
das nossas hesitações.

Não é a tempestade que muda o curso,
é a inflexão quase invisível do leme,
é o segundo suspenso antes da partida,
é o olhar que se prolonga
e inaugura destinos
e, anos depois,
alguém ressona profundo no quarto ao lado.

Um telegrama tardio.
Um desvio de rota.
Um convite aceito.

Minúsculas escolhas
erguendo uma arquitetura secreta,

uma engenharia de futuros
que jamais imaginamos construir.

Somos artesãos distraídos
de consequências vastas.
E quando percebemos,
já atravessamos o ponto sem retorno.

Uma asa vibra.
Nada acontece.
Tudo acontece.

Sem aviso

Maria Tayna Alves Ferreira

Entre o frio que encurta os dias
e o calor que dilata a pele
eu atravessava o tempo
como quem aceita a dor pequena
de algo cravado
sem lembrar quando entrou.

As horas repetiam seus gestos.
O café tinha o gosto exato
do que não surpreende
e o céu cumpria
apenas a função de ser céu.

Quando a primeira água
tocava o chão em brasa
subia um cheiro antigo —
não era memória inteira,
era quase:
o forno aceso,
a tarde em suspensão,
a espera muda
de que algo crescesse.

Havia dias da cor do pó,
opacos.
E eram todos.

Até que, uma vez,
o escuro falhou.

A nuvem mais densa
clareou por dentro
como um candeeiro esquecido,
aceso fora de hora,
e o azul desaprendeu
o nome que tinha.

E eu não sabia
se queria enxergar.

Sem aviso,
aquele dia
se repetiu.

Desde então
o mundo não responde mais
às mesmas cores.
O tempo aprende a esperar
e eu caminho atento:
qualquer instante
pode me atravessar
sem aviso
e, ainda assim,
cheirar a casa.

Primeiros Colocados

3º Lugar

Oração da manhã

Geraldo Dias da Cruz

Acordo com o peso exato do mundo
equilibrado no parapeito da janela.
A manhã não promete: apenas chega,
com seu pão de luz e o café das horas.
Deus – se és palavra –
entra devagar neste quarto comum,
onde a cama ainda guarda o formato do cansaço
e a alma, amassada, pede ferro e silêncio.
Não te peço milagres.
Já me basta o milagre mínimo
de respirar sem culpa,
de aceitar o dia como quem aceita um espelho.
Ensina-me a convivência com o instante:
a paciência do semáforo,
a humildade do ônibus cheio,
a matemática secreta do salário curto.
Que eu não odeie antes do meio-dia,
que eu não julgue antes do almoço,
que eu não desista antes da noite
- Eis minha fé provisória.
Dá-me olhos para o invisível cotidiano:
o cachorro que atravessa a rua como um filósofo,
a mulher que sorri sem saber por quê,
o menino que inventa o futuro com um graveto.
Se houver dor, que seja legível.
Se houver alegria, que não se esconda.
Se houver amor, que não peça desculpas
por existir fora dos planos.

Abençoa este corpo cansado de promessas,
esta mente que pensa demais,
este coração que ainda tropeça
na mesma pedra chamada esperança.

E quando o dia falhar –
porque os dias falham –
fica comigo no resto,
no pouco, no quase humano.

Amém não como ponto final,
mas como vírgula discreta:
contínuo andando,
com a manhã dentro de mim.

2º Lugar

Eritropoiese

Andre Keng Wei Hsu

Onde o osso é raiz e é escuro,
lavra-se o minério do sangue.
Não há pressa no silêncio do cálcio,
apenas o desenho de uma esfera
que ainda não sabe o que é o vento.
É um nascimento sem rosto,
na penumbra de uma catedral de marfim.

Desprende-se a forma, vira itinerário.
Perdeu o seu centro para ganhar o mundo:
agora é fôlego e trabalho.
Atravessa a fresta do ar, o arco do pulmão,
e leva energia nas costas vermelhas.
Não pergunta o caminho;
ela segue com o sopro suprimindo o que o corpo inventa.

Mas vem o fogo do esforço, o tropel do passo,
e o ritmo esquece a sua pauta antiga.
A pequena naufraga corre entre os nervos,
doando o sopro que lhe resta nas mãos,
enquanto o músculo pede o que ela já não tem.
É uma dança de urgências,
um sol que se gasta para que o gesto não morra.

Cento e vinte sóis – e a borda se gasta.
O heme pesa, em bÍlis se transforma.
No filtro do tempo, o verso se apaga.
Não há adeus no baço, nem memória:
apenas o silêncio de quem foi onda
e aceita, enfim, voltar a ser ferro para terra.

1º Lugar

Ele mesmo: o outro

José Manoel Ribeiro da Silva

Os bárbaros só existem para o homem
Temeroso de se encontrar no oposto,
Como dúplices que, acaso se somem,

Entregarão no resultado exposto
O ridículo de suas certezas
Sobre aquele Outro: rei morto, rei posto.

O estrangeiro apontará as estranhezas
Do reconhecível, em movimentos
Circulares que lançam mentes tesas

Ao contraponto da rosa dos ventos,
De onde se arremessa a flecha inflexível
Para furar os olhos desatentos.

A bússola do seu mundo possível
Agora sem luz alguma é ave cega
E paira naquele espaço intangível

Que ao corpo magro do tempo se agrega:
Lendas, mitos, fronteiras, invasões...
Tudo em que a nau do domínio navega.

São tantas as tribos, castas, nações
Que se atravessaram, graves e aflitas,
Mesmo antes de se olharem as feições.

Os atenienses, persas e citas
Se alternaram no mesmo tom celeste

E rubro, mas invisível às vistas.

O povo pálido que se reveste
Com a cor oxidada e corrosiva
Dos arquétipos do mal e da peste

Estranha a própria sanha que cultiva,
Morre enquanto mata o dissemelhante
Pois é a própria morte que o cativa.

Toda a História se resume ao instante
Em que a próxima fronteira é vencida?
Em que aquela aldeia, logo ali adiante,

Se torna apenas cova revolvida?
Em todo frenesi que se mantém
No peito há um rescaldo fraticida.

O canibal é irmão de Montaigne:
Fala e escrita, a mesma selvageria.
Ibéricos e vândalos também

Unidos na fome em Andaluzia:
Irmanados na aflição das pilhagens
Padeceram da dor que mais doía.

Para que os civis se tornem selvagens
Basta que o mundo ao redor se conturbe
Por tolas fissuras nas engrenagens

Que impedem que o céu do império se turbe:
São ressentidos quebrando a redoma
Polida e frágil em torno da urbe.

Pois quando chegou às terras de Roma
Vindo do Leste esse povo germânico

Cantarolava em seu próprio idioma

Como um coral dissonante e satânico,
Até se unirem a um outro coral
Que entoava em latim hinos de pânico.

Essa algaravia em tom marcial
Retumbou nos limites do Ocidente,
Do primeiro choro medieval

Ao último suspiro do Oriente:
O romano viu no bárbaro a réplica
Disforme de si bem à sua frente.

Quando o mar se pôs à décima métrica
E o Atlântico versificou a cruz
E a espada debaixo do céu da América,

Os velhos demônios fizeram jus
À vingança da Europa violentada
E armada de ódio, mercês e arcabuz:

Os gracejos que antecipam a espada,
O abrigo que antecede as covas rasas,
O Peabiru convertido em Entrada

Por entre sertões estalando as brasas
Em que as Eras nativas se consomem,
Mas que acendem os olhos de Las Casas:

Os bárbaros só existem para o Homem!